

# Pesquisa em Ação Trilhando Caminhos em Educação

Ronaldo Luís Goulart Campello  
(Organizador)



 Editora  
**Atena**

Ano 2018

Ronaldo Luís Goulart Campello

(Organizador)

**Pesquisa em Ação**  
**Trilhando Caminhos em Educação**

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Edição de Arte e Capa:** Geraldo Alves

**Revisão:** Os autores

### **Conselho Editorial**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

P474 Pesquisa em ação [recurso eletrônico]: trilhando caminhos em educação / Organizador Ronaldo Luís Goulart Campello. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-85107-00-0  
DOI 10.22533/at.ed.000181407

1. Folclore - Brasil. 2. Lendas brasileiras. 3. Literatura brasileira - Contos. I. Gaviolli, Gabriel. II. Título. III. Série.

CDD 398.2098

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

E-mail: [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

A proposta deste trabalho escapa/surge em meios as classes de sala de aula, salas de professores, e também às salas de cursos de pós-graduação, mestrados e doutorados, mas, tem seu cerne em uma Escola Técnica Estadual localizada no bairro Fragata na cidade de Pelotas – RS. Uma ideia que se teve de pensar para além das estrias que demandam este corpo-educação. Pensou-se ser necessário discorrer sobre práticas de ensino, formação docente; metodologias que busquem propor uma face de passagem plana, resvaladia, deixando assim, fruir encontros dos corpos que fazem educação, alunos, professores...

Deste modo, se oferece neste instrumento-livro e seus movimentos, sopros de ar fresco, não fórmulas, não guias, tampouco manuais práticos ou de auto-ajuda que digam como fazer docência num ambiente que se pensa estar já bem poluído e estriado pela ferrugem de práticas quiçá desatualizadas e que não contemplam todos que imergem neste oceano, para neste campo, profundo e repleto de monstros que tentam nos devorar no dia a dia de nossas docência. Não. Não é esta a ideia deste instrumento-livro. Este é um texto colaborativo escrito em meio às classes de sala de aula, salas de professores, e também nas salas de cursos de pós-graduação, mestrados e doutorados destes que buscam pensar uma educação comprometida e fruída.

Aqui nestas páginas se busca tratar de temas/práticas que são pertinentes as demandas de sala de aula, não tomando como regra ou colocando em primeiro plano, uma ou outra escrita, nem tomando como verdade uma ou outra prática, mas sim oferecer registros/lentes de práticas docentes que possam ajudar a vislumbrar com perspectivas novas o oceano que se apresenta as naus que de nosso pensamento navegam neste oceano seguindo sempre linhas de horizontes possíveis.

A todos uma boa leitura.

- Ronaldo Campello -

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
BRINCAR NA RUA	
<i>Catiúscia Daniela</i>	
<i>Marta Bottini</i>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>7</b>
UMA INTERVENÇÃO SOBRE IDENTIDADE NO MEIO ESCOLAR	
<i>Juliana Boanova Souza</i>	
<i>Lidiane Maciel Pereira</i>	
<i>André Luis Ferreira Andrejew</i>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>14</b>
PROFESSOR-FLÂNEUR-CARTÓGRAFO-PESQUISADOR...	
<i>Ronaldo Luís Goulart Campello</i>	
<i>Cynthia Farina</i>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>24</b>
APRENDIZAGEM LÚDICA DE LÍNGUAS MEDIADA POR TDIC'S	
<i>Neemias de Oliveira Steinle</i>	
<i>Luis Roberto Volz de Oliveira</i>	
<i>Haidi Werhmann Reinar Steinle</i>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>33</b>
NARRATIVAS DO COTIDIANO DO BAIRRO FRAGATA: UMA PROPOSTA PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL	
<i>Carla Vargas Bozzato</i>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>39</b>
OS JOGOS DE AZAR E O ENSINO DE PROBABILIDADE E ANÁLISE COMBINATÓRIA	
<i>Fabrcio Monte Freitas</i>	
<i>Denise Nascimento Silveira</i>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>50</b>
APRENDER COM IMAGENS VISUAIS: FACEBOOK SALA DE AULA.	
<i>Jussara Costa Duarte</i>	
<i>Alberto d'Ávila Coelho,</i>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>58</b>
PATRIARCADO, MASCULINIDADE(S) E AS MULHERES: ENTENDENDO A OPRESSÃO FEMININA	
<i>Amélia Teresinha Brum da Cunha</i>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>68</b>
A FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR-CARTÓGRAFO: COMO CHEGAMOS A "SER" PROFESSOR?	
<i>Jorge Garcia</i>	
<i>Alberto d'Ávila Coelho</i>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>80</b>
O ENUNCIADO É UMA CONVENÇÃO DE TODOS OS CONTEXTOS	
<i>Marcio Nilander Ávila Barreto</i>	
<i>Vera Lúcia Cardozo Bagatini</i>	
<i>Maicon Farias Vieira</i>	

<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>89</b>
UM APRENDER EM OFICINAS DE ESCRITURAS NA ESCOLA	
<i>Josimara Wikboldt Schwantz</i>	
<i>Carla Gonçalves Rodrigues</i>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>97</b>
NOTAS: UMA CARTOGRAFIA; SUSPEITAS E POSSIBILIDADES ACERCA DO CORPO	
<i>Marta Lizane Bottini dos Santos</i>	
<i>Ursula Rosa da Silva</i>	
<i>Ronaldo Luis Goulart Campello</i>	
<b>SOBRE OS AUTORES</b> .....	<b>105</b>

## PATRIARCADO, MASCULINIDADE(S) E AS MULHERES: ENTENDENDO A OPRESSÃO FEMININA

**Amélia Teresinha Brum da Cunha**  
ameliabrum@gmail.com

### Introdução

O reconhecimento de que o mundo das mulheres é uma criação do mundo dos homens garantiu a incorporação da discussão sobre a(s) masculinidade(s) nas análises e estudos sobre gênero, revelando outro sentido e significado para o termo.

Tanto o mundo feminino quanto o masculino existe em função da existência do outro. Portanto, se faz conveniente compreender ambos para desenvolver um olhar mais completo das relações entre eles. E embora gênero possa incluir o sexo, o uso do primeiro não é determinado pelo último.

Um dos objetivos dos estudos feministas surgido nos anos 60 era a necessidade de explicar a opressão patriarcal, a qual, segundo Clímaco (2009), pode ser entendida observando-se a “configuração das relações no interior da família, impondo responsabilidades específicas ao pai/homem como provedor, protetor e autoridade de sua mulher/esposa e filhas/os” (CLÍMACO, 2009, p. 156).

Essa superioridade masculina é oriunda de definições biológicas que durante muito tempo apresentaram os homens como seres superiores,

dotados de maior capacidade física e intelectual. E esse essencialismo biológico, utilizado pelo menos desde o século XIX para justificar a dominação masculina, juntamente com a sexualidade teve grande impacto nos debates acerca dos homens, mulheres, masculinidade/s, feminilidade/s, sendo, ainda, um debate atual.

A dominação masculina e a superioridade dos homens sobre as mulheres foram alvo de muitas análises e reflexões, gerando uma ampla produção que procurou discutir sobre a relação entre dominação e exploração de gênero.

Heleieth Saffioti foi uma teórica que se preocupou com esses temas e em uma de suas análises revelou a polissemia do conceito de gênero. Para tanto, a autora mostrou que o conceito de patriarcado – diferente do de gênero, mas com ele relacionado – também apresenta interpretações diferentes (SAFFIOTI, 2009). Segundo a autora, é preciso conhecer a história das mulheres para se compreender o patriarcado. Assim, a autora procura diferenciar o conceito de gênero do conceito de patriarcado.

As análises feitas por Saffioti (2009) permitiram entender que o conceito de patriarcado assenta-se na imposição da superioridade dos homens sobre as mulheres e para gozar dos benefícios que essa posição abriga os homens produzem situações nas quais as mulheres são

forçadas, seja pelo contrato, seja pela ideologia, a se inserir.

Notadamente as mulheres são inscritas em situações de dependência, o que por muito tempo foi demonstrado pela impossibilidade de comandarem suas vidas de modo autônomo e independente. Para elas, restava a obediência ao pai e depois ao marido, como conscientes que eram de suas condições de submissão, embora que se subentenda que havia a concordância da dominada. Os homens, desejosos de perpetuarem essa submissão, envolviam-se em uma espécie de pacto solidário. A menor suspeita de perigo, suas estratégias eram postas em prática para assegurar a continuidade de uma situação favorável pessoalmente a eles e ideologicamente às sociedades. Nesse tipo de organização social, o sexo destinava-se à reprodução, para as mulheres; e, ao prazer para os homens. Tanto as relações sexuais quanto as afetivas eram determinadas pelos homens, cabendo às mulheres desempenhar sem questionamentos sua função porque estavam sujeitas ao controle dos homens.

Nessa perspectiva, de acordo com Saffioti (2009), o conceito de patriarcado significava a dominação dos homens exercida sobre as mulheres em todas as suas formas, até mesmo pelo uso da força física, porém, desde que a força estivesse no mesmo grau de legitimidade que poderia ser utilizada a Lei. Para a autora, é preciso estar atenta/o ao essencialismo social que o conceito de gênero, ao tentar escapar do essencialismo biológico, criou na busca pelas explicações das relações entre os sexos.

A autora utiliza o conceito de ordem patriarcal do gênero porque considera que o termo gênero é muito mais genérico que o termo patriarcado, o qual existe em função e/ou consequência da ação de um gênero sobre o outro, no estabelecimento de uma relação de poder e subordinação do homem sobre a mulher.

A ontogênese do gênero, segundo Saffioti (2009), poderia se aplicar às transformações sofridas pelo conceito ao longo de sua existência, sendo que para isso contribuiriam as associações com a história e até mesmo com outras teorias, como o próprio patriarcado.

Já a filogênese do gênero corresponde às diversas interpretações sofridas e ou atribuídas ao conceito tanto pelas/os estudiosas/os quanto pelo senso comum. Nesse sentido, a filogênese demonstraria que sem uma análise ontológica do conceito, as confusões conceituais e o uso inadequado do conceito persistiriam.

Torna-se necessário compreender que o conceito de patriarcado obteve sua importância devido ao estabelecimento de uma relação de dominação assentada numa bem elaborada explicação que se utiliza da diferença biológica entre homens e mulheres para definir aquele que colheria os frutos da dominação advindos da credibilidade de uma superioridade estabelecida na força física e na capacidade intelectual, entre outras possibilidades de dominação.

As teóricas do patriarcado têm buscado compreender a subordinação das mulheres e creditam essa situação à necessidade masculina de dominação, afirmando que a fonte das relações desiguais entre os homens e as mulheres deve-se ao fato de que as mulheres são responsáveis pela reprodução da espécie e também ao fato de que as mulheres são tidas como objeto sexual. Entretanto, para a primeira situação, apontam as teóricas que a

libertação das mulheres se daria pelo desenvolvimento da tecnologia, a qual possibilitaria a reprodução sem a utilização dos corpos femininos. Contudo, Scott (1995) encontra algumas insuficiências na teoria do patriarcado para explicar o poder exercido pelos homens e diz que para as teóricas do patriarcado “qualquer diferença física assume um caráter universal e imutável” (SCOTT, 1995, p. 77), para a autora, essa interpretação restringe a compreensão da complexidade das desigualdades entre homens e mulheres, já que elas não analisam “o que a desigualdade de gênero tem a ver com as outras desigualdades” (SCOTT, 1995, p. 78).

Desse modo, as teóricas do patriarcado ao não demonstrarem a relação entre as desigualdades de gênero com outras desigualdades, como classe e raça, acabam por enfraquecer os argumentos dessa teoria para explicar a situação de subordinação das mulheres. Assim, ao fixarem as diferenças físicas, as teóricas do patriarcado não levam em conta outras modificações que podem afetar as condições, tanto físicas quanto culturais, de homens e mulheres na sociedade e criar outra relação histórica de análise do gênero.

Nessa perspectiva, denunciam as/os historiadoras/es, as teóricas do patriarcado colocam a discussão do gênero como um tema não sujeito às modificações históricas, não interpelado pelas conjunturas, pelos contextos e pelas culturas.

Outro viés da teoria do patriarcado aponta que a sexualidade feminina é a fonte de toda subordinação das mulheres em relação aos homens. Para as teóricas identificadas com essa posição, sendo a mulher um objeto de prazer sexual dos homens ela se inscreve numa situação de inferioridade e somente com uma conscientização de uma identidade comum com outras mulheres é que poderiam agir politicamente em busca de um reconhecimento e valorização social, rompendo com os laços que as aprisionam.

Nos últimos anos assistimos a importantes transformações dos processos sociais e culturais e vimos surgir novos modelos de ser homem, os quais tornam visíveis os conflitos que penetram nas mudanças dos modelos hegemônicos privilegiados, provocando reflexões que originam outros modos de posicionar-se no mundo e outras formas de convivência entre as pessoas. Como se sabe a masculinidade hegemônica é a que predomina em todas as sociedades ocidentais, ou são influenciadas por ela. Nesse contexto, o machismo destaca-se como um dos componentes mais importantes na construção da identidade masculina hegemônica na sociedade ocidental. Para a masculinidade hegemônica a parte sexual tem muita ênfase no momento de determinar o gênero da pessoa, de forma que a construção do sexo é reconhecida a partir das preferências sexuais.

Atualmente nossa sociedade compõe-se de inúmeras formas de ser homem e de ser mulher e essa heterogeneidade mostra que não há uma maneira única e excludente de ser um/uma ou outro/a.

Assim, os modos com os quais os sujeitos se mostram não se dão apenas em função do sexo, mas também de seu estilo de vida, de sua maneira de ser e de estar no mundo. A hegemonia masculina nem sempre foi questionada, o que fez com que para a sociedade heteronormativa existam apenas duas possibilidades de gênero, quais sejam, o masculino e o feminino. Percebe-se o caráter essencialista do determinismo biológico

nessa concepção. Nesse contexto, a possibilidade de uma terceira forma de expressão de gênero seria considerada, nessa sociedade, como algo não natural ou desvio. Entretanto, este tipo de estrutura social, baseada na supremacia do gênero masculino e heterossexual está mudando, refletindo, talvez, o resultado de um momento de crise pela qual passa a masculinidade reconhecidamente machista. Essa crise ocorre como consequência, entre outras causas, da falta de identificação dos homens com alguns modelos difíceis de manter, tais como: ser o provedor, o sexualmente ativo, o forte, o vitorioso, o vencedor.

Conforme afirma Olavarría (2007), essa crise não se reduz aos homens, senão que é uma crise de relações estruturadas em um contexto social e cultural que está em mudança. Para o autor há uma evidente abrangência da crise, a qual afeta tanto os homens quanto as mulheres. Ele afirma que há

una gran pregunta que se plantea en el debate actual, que se ha generado en relación a la crisis de la masculinidad y la paternidad, es si ésta afecta fundamentalmente a los hombres o es parte de un proceso mayor. La hipótesis que ha sido aceptada crecientemente es que ha entrado en crisis no sólo la masculinidad sino que las formas en que se estructuró la vida entre hombres y mujeres durante gran parte del siglo XX. Se afirma que es una crisis de las relaciones de género, que en el caso de los varones se estaría manifestando como crisis de la masculinidad (OLAVARRÍA, 2007, p. 2).

O novo homem que está surgindo encontra-se cruzando o caminho entre o paradigma dominante da hierarquia sexual e de gênero e aquilo que Bauman (2004) chama de “múltiplas identidades sexuais”, pois “os traços e atributos tradicionalmente classificados como ‘naturais’ [...] são cada vez mais considerados sujeitos à manipulação humana e portanto abertos à escolha [...]” (BAUMAN, 2004, p. 73).

Diante dessas mudanças é possível questionar: o que significa ser homem hoje? O que esperam as mulheres dos homens atualmente quando grande parte delas não depende financeiramente deles como no passado, tendo em vista que a grande maioria está inserida no mercado de trabalho? Quais mudanças ocorreram, de fato, nas relações de gênero no espaço doméstico e de trabalho? Como realizam suas escolhas profissionais? Como o homem professor encara a profissão docente sendo ela considerada uma ocupação feminina? Como homens e mulheres encaram a questão da violência física e psicológica contra pessoas mais frágeis? Quais reflexões eles fazem sobre as mudanças que ocorrem tão rapidamente no mundo?

Estas questões podem ser objeto de reflexão para homens e mulheres que buscam entender como se dão as formas de opressão, como se processa o poder patriarcal masculino - desenvolvido e mantido por meio da norma heterossexual -, e que almejam desenvolver uma nova configuração entre homens e mulheres que seja mais justa, mais humana e menos hierárquica. Na seção seguinte exponho em linhas gerais como o conceito de masculinidade/s foi incorporado aos debates sobre as relações entre homens e mulheres nas sociedades ocidentais, tendo base nas relações patriarcais.

## **Masculinidade(s): conceito e aplicação teórica**

O conceito de masculinidade(s) apresenta variadas interpretações e definições. Entre

essas interpretações as que mais se aproximam com as características deste texto estão as que desvelam os mecanismos da hegemonia, as que demonstram a vasta diversidade de masculinidades e as que apontam para o “delineamento das transformações nas masculinidades hegemônicas” (CONNELL<sup>5</sup>; MESSERSCHMIDT, 2010, p. 247).

Como coloquei anteriormente, muitas definições acerca da(s) masculinidade(s) basearam-se nas seguintes linhas teóricas: o essencialismo, o positivismo, o normativo e a semiótica. Cada uma define a/s masculinidade(s) segundo suas bases. Fonseca (1998), analisando o conceito de masculinidade(s) dado por Connell (1995) afirma que o essencialismo

define a masculinidade como um conceito universal baseado na hereditariedade biológica; o positivismo define o masculino (numa perspectiva a-histórica) como uma estrutura única, um arquétipo; no normativo é definida uma identidade padrão onde a masculinidade é o que os homens devem ser, embora sejam tidas em consideração as diferenças entre os indivíduos masculinos; e a semiótica define a masculinidade através de um sistema de símbolos diferentes, no qual os espaços masculino e feminino são contrastantes, sendo a masculinidade definida como o não feminino (FONSECA, 1998, p. 97).

De acordo com a definição dada por Connell e Messerschmidt (2010) a “característica fundamental do conceito continua a ser a combinação da pluralidade das masculinidades e a hierarquia entre masculinidades” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2010, p. 262), demonstrando, inclusive, proximidade com as características apresentadas no conceito de patriarcado, largamente utilizado na construção social da dominação masculina.

De acordo com esses autores, como o conceito de masculinidade hegemônica se baseia numa maneira habitual de proceder e que por isso mantém uma continuidade da dominação coletiva dos homens sobre as mulheres,

não é surpreendente que em alguns contextos a masculinidade hegemônica realmente se refira ao engajamento dos homens a práticas tóxicas – incluindo a violência física – que estabilizam a dominação de gênero em um contexto particular (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2010, p. 255).

Paralela a essas construções teóricas, tem-se que desde as últimas décadas do século passado, tanto a antropologia, como a sociologia, a filosofia, a linguística e a história têm mostrado como foi sendo construída uma ordem simbólica e sociocultural que vincula os privilégios masculinos aos danosos efeitos sobre a vida das mulheres e até mesmo de alguns homens. Pode-se dizer que em parte essas reflexões surgem em consequência da análise feminista do papel dos homens na sociedade e à sua relação com as mulheres.

As fontes primárias dessas reflexões têm, portanto, raízes nas teorias feministas do patriarcado, como também nos debates sobre o papel dos homens na transformação do patriarcado. A partir do estabelecimento de críticas à teoria dos papéis sociais de homens e mulheres, onde ficou demonstrada a debilidade dessa teoria, formaram-se conceitualmente as condições dos primeiros movimentos de homens antissexistas.

5 Connell alterou seu nome, num processo de transição de sexo e gênero, de “Robert William” para “Raewyn”, e passou a publicar suas novas obras com essa assinatura, além de reeditar os livros antigos (usualmente assinados como R. W. Connell).

Essa interpretação foi relevante porque ajudou a compreender que as masculinidades e as feminilidades são efeitos de uma construção social a partir das diferenças sexuais e que não resultam de uma mesma construção, já que os privilégios e a hierarquia de gênero não se verificam de modo igual para ambos. Contudo, também não são resultantes de construções antagônicas, pois ao mesmo tempo em que se constrói o estereótipo masculino é construído o feminino. Entretanto, a construção feminina de gênero não ocorre com os mesmos elementos da construção masculina. A intensidade e complexidade desta construção baseiam-se, na maior parte das vezes, nas determinações de condutas diferentes para os homens e para as mulheres. O que é aceitável para um pode não ser para o outro, já que as masculinidades “são configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2010, p. 250).

As análises feitas sobre masculinidade(s) construíram-se graças à existência de processos sociais, políticos e acadêmicos que se desenrolam desde os anos finais da década de 1970 e início dos anos de 1980 quando o tema logrou a condição de objeto válido por si mesmo (HERRERA, 2006), apesar de aparecer nas análises que refletiram sobre as condições de gênero ainda na década de 1940 e 1950. Entretanto, as discussões epistemológicas sobre a(s) masculinidade(s), enquanto categoria teórica e empírica específica podem ser consideradas como discussões recentes.

Sem dúvidas, o crescimento das análises sobre masculinidade(s) e sobre o conceito de masculinidade hegemônica “serviram como quadro para muitos dos esforços das pesquisas em desenvolvimento sobre homens e masculinidade(s), substituindo a teoria do papel sexual e os modelos categoriais da psiquiatria” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2010, p. 247).

Entretanto, apesar dos esforços analíticos, ainda permanecem representações, tais como o que afirma que todos os homens são iguais e que é quase impossível mudá-los porque sua origem sexual impede transformar suas atitudes e suas condutas. Para minimizar os efeitos de afirmações desse tipo, que acabam por influenciar tanto as diferenças quanto as similaridades entre os homens e sua(s) masculinidade(s), crescem os estudos orientados a debater e demonstrar ações que busquem a igualdade entre homens e mulheres, os quais poderão contribuir na construção de um mundo que seja plural, onde o(s) feminino(s) e o(s) masculino(s) não sejam oprimidos nem opressores, que um novo arranjo social de sexo e gênero seja articulado com as lutas de outras ordens, como classe e raça, buscando assim extinguir as desigualdades e desconstruir certas práticas, discursos e representações que discriminam, oprimem e submetem algumas pessoas em função do gênero. Connell (1995) considera que o saldo positivo dos estudos de gênero foi mostrar a contradição, hierarquia e pluralidade da(s) masculinidade(s), embora admita que a categoria masculinidade expresse uma organização bastante coerente de significados, práticas e normas (HERRERA, 2006, p. 174).

Em suas análises Connell (1995) reconhece a importância das teorias feministas para o entendimento da situação da mulher na sociedade, porém, faz críticas a essa

teoria, alegando que a mesma dava ênfase à diferença entre homens e mulheres, o que limitava a política de reforma baseada nos direitos. O autor sustenta que para podermos ir além da igualdade de gênero é preciso utilizar estratégias, e uma dessas estratégias é desmontar a masculinidade hegemônica para obter espaço de direitos comuns a todas e todos. Connell (1995), admitindo a historicidade do conceito de gênero afirma que a consciência histórica acerca do termo introduz uma característica distintiva da política da masculinidade contemporânea. O autor anuncia, inclusive, que a prática masculina revela uma configuração que traduz a relação dos homens com a sociedade e com os corpos. O conceito de masculinidade hegemônica não busca abarcar tudo e muito menos ser uma causa primeira; é uma forma de entender certa dinâmica no seio de um processo social ocidental.

De acordo com esse autor, as teorias sóciobiológicas, por serem mais difundidas nos países anglo-saxônicos, estabeleceram que “é a biologia que define, em última instância, a essência masculina e feminina, de forma que os comportamentos humanos possam ser explicados em termos de hereditariedade genética e de funcionamento fisiológico” (CONNELL, 1995, p. 44).

Porém, a diversidade dos comportamentos humanos contradiz a predominância do biológico, portanto, torna-se imprescindível entender natureza e cultura como complementares e não como posições opostas. Desse modo, como existe mais de uma configuração da prática, “tem-se tornado comum falar de ‘masculinidades’” (CONNELL, 1995, p. 288). Dessa maneira, podemos compreender que o gênero assenta-se nas diferenças sexuais dos corpos, as quais são trazidas para a prática social, tornando-se assim parte do processo histórico. Essa análise de Connell contribuiu na tentativa de superação da dicotomia dos papéis de sexo.

O autor pede atenção para o que chama de generalização de uma forma de masculinidade, ou seja, quando a hegemonia de gênero passa a ser confundida com totalitarismo de gênero. Tendo em conta que há uma hierarquia do gênero masculino heterossexual essa observação do autor vem confirmar que o gênero masculino serve de modelo e que para tanto conta com o auxílio de instituições e forças culturais.

A política da(s) masculinidade(s), segundo o autor, foi definida a partir da consciência histórica sobre a(s) masculinidade(s). Apesar disso, o padrão masculino sofre contestações e está sempre sujeito a mudanças, podendo ser transformado. Connell (1995) afirma que essas mudanças no padrão masculino são oriundas do crescimento do feminismo, assim como da estabilização de novas formas de sexualidade. Segundo o autor, para conseguirmos uma mudança real e concreta nas relações de gênero é preciso ter claro que não podemos ficar com interpretações superficiais, precisamos perceber que as hierarquias atuam sobre os corpos, e que não são explicações baseadas nas diferenças biológicas que devem e ou podem determinar que somente os homens possuam legitimidade para operar o mundo e as relações entre as pessoas.

Essas explicações de cunho biológico aparecem como uma constante que “posiciona a los hombres com mayores privilegios y recursos materiales y simbólicos que les permite

ejercer control sobre las mujeres y otros hombres” (CAREAGA; SIERRA, 2006, p. 11) e que se traduz como masculinidade hegemônica ou dominação masculina. Connell (1995) mostra que existem razões estruturais para a impossibilidade de um movimento amplo que inclua os homens heterossexuais na luta permanente e profunda contra a masculinidade hegemônica e que isso pode ser facilmente entendido se levarmos em conta todos os privilégios que os homens obtêm derivados dessa interpretação dada aos gêneros. Os estudos pós-estruturalistas, e seus desdobramentos, ampliaram os debates para explicar as condições de homens e mulheres na sociedade. Assim, novos argumentos sobre a produção social e cultural de gênero passaram a contribuir na desconstrução da hierarquia masculina e na discussão de conceitos que falam de poder e da “estrecha relación entre la lógica de dominación e el colectivo de hombres, em cuyos cuerpos reencarnan y se corporeiza el poder social otorgado a este grupo social” (CAREAGA; SIERRA, 2006, p. 12).

Apesar disso, existem algumas afirmações que são contestadas, tais como a proposta por Herrera (2006). Essa autora questiona sobre duas definições oferecidas pela literatura. A primeira afirma que a(s) masculinidade(s) está constituída por condutas e atitudes que diferenciam os homens das mulheres. Segunda a autora, essa construção de significados sociais de gênero se baseia exclusivamente em condutas e também confunde sexo com gênero ao unir numa mesma definição homens e masculinidade, mostrando problemas de ordem epistemológica e metodológica. Porém, a segunda definição merece da autora uma reflexão mais profunda e diz respeito à constituição da masculinidade sob estereótipos e normas do que os homens são ou devem ser. Herrera (2006) afirma que

[...] la investigación há demostrado una y outra vez no sólo que los estereótipos de las normas de género son inconsistentes em sí mismas, sino que las prácticas de las personas rara vez se ajustan a ellas, de modo que si pretendemos investigar bajo esta concepción, corremos el riesgo de negar las diferencias y las inconsistencias de la experiencia de ser hombre. (HERRERA, 2006, p. 173).

Essa preocupação específica da autora confirma o que outros estudos têm mostrado sobre a impossibilidade de considerar os homens e a(s) masculinidade(s) como configurações fixas.

## Considerações finais

As marcas do patriarcado, construídas historicamente, contribuem para a conservação de formas binárias, tradicionais e preconceituosas de relações entre mulheres e homens, de modo que a busca obstinada pela manutenção da representação do homem macho e heterossexual e a dominação masculina se mantém ainda presente na sociedade, influenciando padrões de comportamento, especialmente o feminino, regulando condutas para homens e mulheres, instigando a misoginia, o preconceito e várias formas de violência contra às pessoas que não ocupam as posições de poder pertencentes ao homem, branco e heterossexual.

Nesse sentido, conhecer, refletir e problematizar acerca dessa realidade poderá

contribuir na discussão e ressignificação de alguns conceitos que permeiam as práticas sociais, relacionais e educacionais, assim como contribuir na percepção das complexidades e particularidades sobre o feminino e masculino.

Objetivando cruzar conceitos para compreender as relações masculinas e femininas, intenciona-se instigar reflexões, auxiliar o debate e contribuir na construção de relações de gênero mais plurais, além de desconstruir preconceitos.

Compreendendo que por vezes não é fácil ou possível ultrapassar as tensões e barreiras impostas na nossa sociedade machista e autoritária. É, talvez, por esse fato que precisamos fazer esforços no sentido de levar essas discussões para o campo da educação. Em suma, pode-se dizer que essas são questões importantes para quem quer interrogar sobre as condições, possibilidades e possíveis modificações no perfil de homens e mulheres, suas relações pessoais e sociais e os modos como convivem em sociedade.

Ao buscar desmontar a natureza política do domínio masculino, intencionando construir relações de poder mais circulatórias, com mais autonomia feminina e com menos discriminação de gênero, o que irá contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade equânime, concluiu-se a conveniência de levar para dentro das escolas a discussão desses temas e seus correlatos, pois essa instituição configura-se como espaço possível para a discussão, reflexão e a implementação de políticas curriculares que considerem o processo histórico que envolve tensões, contradições e disputa entre os gêneros a fim de superá-los.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, 108 p.

CAREAGA, Gloria; SIERRA, Salvador Cruz (coord.). *Debates sobre masculinidades: poder, desarrollo, políticas públicas e ciudadanía*. Universidade Autónoma de México. Programa Universitario de Estudios de Género. Ciudad Universitaria. D. F. México. 2006. 447p.

CLÍMACO, Danilo de Assis. *Tráfico de mulheres, negócios de homens. Leituras feministas e anti-coloniais sobre os homens, as masculinidades e o masculino*. 2006. 203 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. SC. 2009.

COONELL, Robert W. *Masculinities: Knowledge, power and social change*. Berkeley/Los Angeles: University of Califórnia Press. 1995. 362 p.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*. Florianópolis, 21(1): 424, jan.-abr./2013.

FONSECA, Ana João Mexia Sepulveda da. *A identidade masculina segundo Robert Bly: o paradoxo entre o real e o imaginado*. 1998. 137 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Americanos). Universidade Aberta, Lisboa, 1998.

HERRERA, Ana Amuchástegui. Masculinidades? Los riesgos de una categoría em construcción. In: CAREAGA, Gloria; SIERRA, Salvador Cruz (coord.). *Debates sobre masculinidades: poder, desarrollo, políticas públicas e ciudadanía*. Universidade Autónoma de México. Programa Universitario de Estudios de Género. Ciudad Universitaria. D. F. México. 2006. 447p.

OLAVARRÍA, José. Apuntes para la construcción de una agenda política pro género que incorpore a los hombres. *Revista Red Iberoamericana y Africana de Masculinidades*. Santiago do Chile. Chile. 2012.

p. 1-13.

SAFFIOTI, Heleieth. Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra as mulheres. *Série Estudos e Ensaios/Ciências Sociais/FLACSO-Brasil*, p. 1-44, jun. 2009.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.20, n.2, p.71-99, jul./dez. 1995.

## SOBRE OS AUTORES

**Alberto d'Ávila Coelho** Instituto Federal Sul-rio-grandense, campus Pelotas – IFSUL; Dep. de Ensino de Graduação e de Pós-Graduação Membro dos Grupos de pesquisa: Educação e Contemporaneidade: experimentações com arte e filosofia. EXPERIMENTA/ CNPq/ IFSUL ArteVersa - Grupo de Estudo e Pesquisa em Arte e Docência - CNPq/FACED/UFRGS

**Amélia Teresinha Brum da Cunha** Doutora em Educação. Bolsista Pós-Doc. no Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE/UFPEL). Membro do Conselho Editorial da Revista Cadernos de Educação/UFPEL. Áreas de interesse: gênero e educação; políticas educacionais; currículo; formação docente.

**André Luis Ferreira Andrejew** Graduação em Matemática Aplicada e Computacional; Mestre em Ciência da Computação e Doutor em Informática na Educação. Atualmente é professor do departamento de educação Matemática da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL.

**Carla Gonçalves Rodrigues** Doutora em Educação. Professora do Departamento de Ensino da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPEL.

**Carla Vargas Bozzato** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e da Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Mestre em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL.

**Catiúscia Daniela** Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL.

**Cynthia Farina** Doutora em Educação pela Universidade de Barcelona, coord. do GP Educação e Contemporaneidade: Experimentações com Arte e Filosofia (EXPERIMENTA); Prof.<sup>a</sup> do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense – IFSUL Pelotas RS, Brasil.

**Denise Nascimento Silveira** UFPEL - Universidade Federal de Pelotas; Instituto de Física e Matemática – IFM; Departamento de Matemática e Estatística – DME Campus Universitário Capão do Leão – RS - BRASIL

**Fabrcio Monte Freitas** Doutorando em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde – FURG/ UFSM/UFRGS/Unipampa; Lic. Matemática – Mestre em Educação. SEDUC RS – EEEM Dr. Augusto Simões Lopes; Pref. Mun. de Pelotas – EMEF Antônio Joaquim Dias; Colégio Sinodal Alfredo Simon

**Haidi Werhmann Reinar Steinle** Psicopedagoga Clínica e Institucional.

**Josimara Wikboldt Schwantz** Mestre em Educação. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPEL - PPGE.

**Jorge Garcia** Mestre em Educação pelo curso de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologias, do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense – MPET- IFSUL;. Especialista em educação – IFSUL. Graduado em licenciatura e bacharelado em Filosofia da Universidade Católica de Pelotas – UCPel.

**Juliana Boanova Souza** Licenciada em Matemática pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Ex-bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES; Pertence ao grupo de professores do Projeto de extensão Desafio pré-vestibular da UFPEL.

**Jussara Senna Costa Duarte** Mestre em Educação e Tecnologia – IFSUL; Especialista em Educação – IFSUL Especialista em EAD – UCB; Membro dos Grupos de Pesquisa: Educação e Contemporaneidade: experimentações com arte e filosofia, Experimenta/ CNPq/ IFSUL.

**Lidiane Maciel Pereira** Licenciada em Matemática pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL e Mestranda no Programa de Pós Graduação desta mesma Universidade. Atualmente busca por temáticas ligadas a educação inclusiva e educação Matemática.

**Luis Roberto Volz de Oliveira** Docente de Linguagens e suas Tecnologias com formação em Lingüística.

**Maicon Farias Vieira** Mestre em Educação e Tecnologia: Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia IFSUL – Rio-Grandense – Campus Pelotas - RS. Professora Estadual de Língua Portuguesa em Pelotas - RS. Participante do Grupo de pesquisa Discurso Pedagógico.

**Marcio Nilander Ávila Barreto** Mestre em Educação pelo programa de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia MPET- IFSUL – Rio-grandense Campus Pelotas. Acadêmico de Pedagogia FAE/ UFPEL. Graduado em Administração. Especialista em Gestão de Pessoas e. Membro do GP Discurso Pedagógico.

**Marta Lizane Bottini dos Santos** Graduada em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Pós-graduada em Psicopedagogia Educacional pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA; Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela UFPEL

**Neemias de Oliveira Steinle** Docente de Linguagens e suas Tecnologias e de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação com formação em Lingüística, Pedagogia, Psicopedagogia.

**Ronaldo Luís Goulart Campello** Mestre em Educação e Tecnologia – IFSUL; Especialista em Educação – IFSUL Membro do Grupo de Pesquisa: Educação e Contemporaneidade: experimentações com arte e filosofia, Experimenta / CNPq/ IFSUL. Graduando em Licenciatura em Geografia UFPEL Pelotas – RS; Pedagogo pela ULBRA. Poeta.

**Ursula Rosa da Silva** Dr.<sup>a</sup> em Educação. É líder do grupo de pesquisa *Caixa de Pandora: Estudos em Arte, gênero e Memória* (CNPq/UFPEL), Atua na área de ensino da arte, com ênfase em filosofia da arte, crítica de arte, cultura visual, gênero, estética e cotidiano na contemporaneidade. Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Pelotas – RS

**Vera Lúcia Cardozo Bagatini** Mestre em Educação pelo programa de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia MPET- IFSUL – Rio-grandense Campus Pelotas - RS. Graduada em Letras – Habilitação Espanhol – pela UFPEL, professora da Rede Municipal de Pelotas - RS.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-85107-00-0

